

MELTING POT POÉTICO

Débora Racy Soares
Faculdade de Ciências e Letras "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/ Araraquara

(...) a criação não é nem uma invenção do nada,
mas um tecido de elementos memorizados,
que o criador agencia de maneira diferente (...)
A criação, com toda sua liberdade de invenção
que eu não nego, não passa de uma reformulação
de pedaços de memória.
(Mário de Andrade)

Melting pot é uma expressão utilizada em língua inglesa para denominar o lugar onde convivem muitas pessoas, conseqüentemente, com idéias distintas que, não raro, se misturam e se confundem produzindo algo novo. Ao intitular a comunicação *melting pot* poético pretendemos pensar sobre a produção poética que se desenvolveu na década de setenta, no Brasil, quando, como apontava Heloísa Buarque de Hollanda, em 1975, o "artigo do dia"¹ era poesia.

Houve, de fato, na década de setenta, um florescimento tão significativo da poesia que até se cogitou a hipótese do surgimento de uma "geração de poetas" (a expressão é de Heloísa). Exagero ou não, o fato é que a poesia "circulava", o número de poetas "aumentava dia-a-dia" e as segundas edições "já não (eram) raras"¹.

Aproveito para esclarecer que a crítica denomina marginal, alternativa ou do mimeógrafo, a "geração de poetas" que produzia em setenta. Muitos poetas não aceitavam essa (des)qualificação e até brincavam com o termo marginal. É o caso do poeta Chacal que,

¹ HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *26 poetas hoje*. 2.^a edição. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998, p. 09.

em um fragmento da poesia "-Alô, é quampa?" ironiza: "- ahhh....a poesia. a poesia é magistral. mas marginal pra mim é novidade. você que é bem informado, mi diga: a poesia matou alguém, andou roubando, aplicou cheque frio, jogou alguma bomba no senado?" Heloísa Buarque de Hollanda, estudiosa do assunto, em seu livro *Impressões de viagem* recomenda utilizar a expressão "ditos marginais", "chamados marginais"² para evitar uma postura afirmativa do termo "marginal" quando nos referirmos a esses poetas. Essa posição será por nós assumida para, inclusive, evitar eventuais confusões que possam suceder entre literatura "dita marginal" da década de setenta e literatura dos marginalizados.

Recorremos a Antônio Carlos de Brito, mais conhecido por Cacaso e um dos principais teóricos da chamada geração marginal de poetas de setenta, com o intuito de elucidar o sentido da denominação "mimeógrafo" e/ou alternativa. Em entrevista concedida ao jornal Movimento, em julho de 1976 e reproduzida posteriormente no livro *Não quero prosa*, Cacaso explica que é considerado marginal o "autor que, barrado nas editoras, acaba editando e até distribuindo (seus livros) por conta própria, com recursos próprios". Pelo fato de os livros serem financiados, muitas vezes, pelos próprios autores, impressos artesanalmente e de forma muito precária, em mimeógrafo ou em *offset*, em número de exemplares restrito e por circularem de mão em mão, essa geração ganhou a denominação pela qual ficou conhecida no meio literário. A marginalização, na opinião de Cacaso, é decorrente da não absorção da produção literária pelo "restrito e restritivo"³ sistema editorial. Na mesma entrevista, intitulada "Situação de marginalidade", Cacaso é enfático ao afirmar

² HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960-1970*. 3ª edição.

Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p.99.

³ BRITO, Antônio Carlos de. *Não quero prosa*. Org. e seleção de Vilma Arêas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro, RJ: Editora da UFRJ, 1997, pp.12-15, 18-43, 70-73, 77-79.

que "marginalidade não é opção"³ mas, a única alternativa plausível de sobrevivência fora da política editorial. Ao alertar para o perigo de "se empunhar a bandeira da marginalidade como se fosse uma opção a ser defendida", Cacaso enfatiza que a marginalidade poética reclama ser entendida como uma "situação compulsória e discriminadora precaríssima"³. Lembramos que Alfredo Bosi, no ensaio "Poesia Resistência"⁴ assinala que a poesia resiste a entrar no jogo da indústria cultural, "cativante cativo". Será a chamada poesia marginal um tipo de poesia que não aceita ser nomeada pela ideologia dominante (não será essa recusa a sina de toda verdadeira poesia?), isto é, não aceita ser manipulada pelas editoras para vender? Não se deve esquecer que os poetas alternativos estavam produzindo em um país vitimado pelo AI- 5, um Brasil político, como bem apontou o poeta Ferreira Gullar e que o cerceamento da liberdade de expressão teria influência na concepção poética dos artistas do mimeógrafo.

Lembramos que a dificuldade enfrentada pelos poetas alternativos de setenta para publicar através de editoras parecia ser regra e não exceção. Os poetas do tempo de Horácio (65-8 a.C.), por outras razões, já enfrentavam o mesmo problema. Dante Tringali, organizador do livro *A arte poética de Horácio* (1993), ressalta que o poeta latino chama a atenção para a existência de igrejinhas literárias e para a necessidade de se fazer barganhas para conquistar um lugar ao sol, isto é, "publicar" em pergaminhos.

Em artigo sobre a poesia de Chacal, intitulado "Tudo da minha terra"^b e publicado originalmente em 1978, Cacaso constata que, àquela altura, tornava-se cada vez mais freqüente a publicação de poesias de forma independente. Os poetas de 70 optavam por publicar seus livros de forma autônoma como forma de reagir ao modo de publicação oficial que exigia, como salienta Cacaso, apoio editorial, vendagem normal nas livrarias e "reconhecimento antecipado de padrinhos e instituições literárias". Em artigo intitulado "Sinal dos tempos e dos espaços"³, publicado em 1973 no jornal Opinião, Cacaso alfineta:

⁴ BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 1997, pp.139-192.

(...) se Platão ainda se dava ao luxo de expulsar os poetas de sua República

porque os considerava perigosos à ordem, em nossos dias a ordem exclui os poetas de seu convívio simplesmente por não serem comerciais. Sinal dos tempos. E também dos espaços, como talvez preferisse um poeta concretista.

Após uma breve contextualização, fundamental para o entendimento da questão proposta em nossa comunicação, a do *melting pot* poético, retomamos a proposição inicial. Nossa idéia surgiu a partir da leitura do artigo de Cacaso, "Atualidade de Mário de Andrade"⁶, publicado originalmente na revista Encontro com a Civilização Brasileira. No referido artigo Cacaso pensa a poesia brasileira no calor do ano de 78, além de aproveitar a oportunidade para discutir a atualidade das idéias marioandradinas na efervescência do momento. Ao se questionar sobre sua própria contemporaneidade, Cacaso não só se surpreende com a quantidade de estilos e correntes discordantes e incompatíveis presentes na geração poética alternativa dos anos 70, da qual faz parte, como observa a invasão de uma verdadeira "especialização de anacronismos" que vão sendo progressivamente "incorporados e acumulados" ao fazer poético dessa geração mimeógrafo. Acreditamos que Cacaso, ao utilizar o termo "especialização de anacronismos" sugere uma dispersão de influências e tendências poéticas que se misturam e se confundem nos "tempos literários em contratempo" (tempos de restrições políticas e "anacronismos" poéticos), na conturbada década de setenta.

A introdução da emblemática antologia *26 poetas hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda em 1976 e reeditada em 1998, é muito esclarecedora a respeito das idéias poéticas da geração de 70. Heloísa constata que os poetas alternativos, de uma maneira geral, propõem, precipuamente, resgatar as conquistas modernistas de 22 e atualizá-las em 70, enfatizando a importância do retorno do poema curto, epigramático, ou seja, da poesia

⁵ Cf. o livro *Não quero prosa*, op.cit., pp. 154 - 172.

Pau-Brasil oswaldiana, atualizada poundianamente por meio do "*make it new*" ou, dizendo à maneira brasileira, antropofagicamente digerida pelos poetas alternativos. Esses poetas, conscientes de que a releitura modernista fora revisitada pelos tropicalistas, não ignoram "o grande desbunde" de 60 e acentuam o veio da ironia como consciência moderna do fazer poético. Zuca Saldanha, poeta dessa geração devoradora, com perspicaz escrutínio define a ironia, na revista *Poesia sempre*, como "o pozinho de cicuta com açúcar pros rebuçados da vovó Escolástica" e Cacaso, em seu poeminha "Modéstia à parte", dá o tom exato da ironia de sua geração, "exagerad(a) em matéria de ironia e em matéria de matéria moderad(a)"⁶. Há de tudo um pouco nessa literatura produzida em setenta. Sobre seu presente literário, Cacaso disse tratar-se de um "presente de grego, além de ser um saco de gatos"⁷, em que se confundem as conquistas modernistas brasileiras, em especial as idéias oswaldianas, a experimentação do Tropicalismo, com sua festa alegoricamente alegre, bem como as idéias mundialmente difundidas pela geração *flower and power* e sua literatura *beat* ao estilo *on the road*, tendo como música de fundo o *rock'n roll* tocado, cantado e dançado pelo famoso quarteto de Liverpool, os reis do *yeh, yeh, yeh*. A cena *outside* dessa geração alternativa, que amava os Beatles e os Rolling Stones, completa-se com a subversão de valores (liberação ácida e sexual) e o engajamento antimilitar. Antonio Candido já apontara em *Formação da literatura brasileira* que cada período literário é simultaneamente "um jardim" e "um cemitério" onde coexistem "produtos exuberantes da seiva renovada" e "plantas enfezadas que não querem morrer"⁸.

É preciso atentar para a observação certeira de Cacaso, em sua vertente crítica, que alerta

⁶ BRITO, Antônio Carlos de. *Na corda bamba*. Rio de Janeiro: Vida de artista, 1978, s/p.

⁷ Cf. o livro *Não quero prosa*, op.cit., pp. 154 - 172.

⁸ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 5ª edição, vol.1. São Paulo: Edusp, 1975, p.191.

para o fato de que, em determinado momento, a poesia alternativa tornou-se "um banquete" no qual todos, indistintamente, "se serviram"⁹. Cacaso pretendia sugerir com essa afirmação que a poesia de setenta, ao tentar evitar o "fechamento da linguagem literária"⁹ valorizando o coloquial, o informal, ou seja, o caráter espontâneo da linguagem, dava a impressão de ser uma poesia de construção menos difícil. Por isso, muitos trovadores de plantão se sentiam encorajados à aventura, nada modesta, do versejar. Com perspicaz análise da situação poética de sua época, Cacaso notou que, em matéria de poesia, estabeleceu-se uma competência média, ao alcance de todos, abolindo o "vestibular literário"⁹. De repente, todo mundo foi promovido a poeta, o que equivalia a "extinguir a espécie" (a observação é de Cacaso). Parte dessa facilidade adveio de uma idéia difundida pelos poetas do mimeógrafo que acreditavam que a poesia e a vida eram indissociáveis. Cacaso já aclamara essa fusão em seu poeminha "Na corda bamba": Poesia/ Eu não te escrevo/ Eu te vivo/ E viva nós!¹⁰ Se, por um lado, o *leitmotiv* identifica essa geração, para a qual a poesia é toda vida e todos participam do poemão - escrita coletiva a mil mãos¹¹, como definiu Cacaso, por outro, há que se ponderar que houve uma certa banalização da poesia. À medida que não é preciso grandes transpirações (leia-se grandes esforços construtivos) para escrever e "tudo começa a ficar parecido com tudo", é a própria poesia que fica lesada. Partilhamos da opinião de Cacaso no que diz respeito à situação da poesia de setenta. O poeta, crítico, letrista e desenhista que acompanhou o desenvolvimento da geração *underground in loco* sabia que "boa porção da produção marginal que rola(va) na praça padec(ia) (...) de desqualificação da forma artística e de seus

⁹ Cf. o livro *Não quero prosa*, op.cit., pp. 306-336, 12-15.

¹⁰ *Na corda bamba*, op.cit., s/p.

¹¹ Cf. o Posfácio de *26 poetas hoje* (op.cit.). Heloísa Buarque de Hollanda relembra o que Cacaso dizia nos anos de setenta: "Isso não é um movimento literário. É um *poemão*. É como se todos estivéssemos escrevendo o mesmo poema a 1000 mãos", p. 261.

requisitos técnicos¹². Uma boa notícia para os que pensavam que essa geração tinha gosto de *dèjà vu*. Apesar da aparente falta de individualização derivada desse caldeirão poético, *melting pot* comum a todos, é possível destacar nomes de alguns poetas, como Cacaso, que estiveram esquecidos no tempero do cadinho poético de setenta, talvez esperando ser devidamente degustados por nossa crítica atual¹³.

¹² *Não quero prosa*, op.cit., p. 29.

¹³ A autora desse trabalho está atualmente se dedicando ao estudo analítico-crítico do livro de poesias *Grupo escolar* (1974) de Cacaso e espera, ansiosamente, poder dividir o caldo dessa sopa rara e nada rala com quem se dispuser a saboreá-la.